

# *Estratégia para a habilitação em galego das línguas especializadas científico-técnicas*

CARLOS GARRIDO

Universidade de Vigo/Comissom Lingüística da AGAL

## 1. INTRODUÇÃO

Já nas primeiras tentativas de definição de *língua especializada*, os estudiosos do campo assinalavam a importância dos componentes lexical e morfossintático na constituição dos códigos da comunicação especializada:

[Fachsprache ist] das Mittel einer optimalen Verständigung über ein Fachgebiet unter Fachleuten; sie ist gekennzeichnet durch einen spezifischen Fachwortschatz und spezielle Normen für die Auswahl, Verwendung und Frequenz gemeinsprachlicher lexikalischer und grammatischer Mittel; sie existiert nicht als selbständige Erscheinungsform der Sprache, sondern wird in Fachtexten aktualisiert, die außer der fachsprachlichen Schicht immer gemeinsprachliche Elemente enthalten.<sup>1</sup> (Schmidt, 1969: 18, *apud* Fluck, 1996: 14, 15)

Mit dem Begriff “Fachsprache” beziehen wir uns auf die Gesamtheit der sprachlichen Mittel, die auf unterschiedlichen Ebenen (der lexikalischen, morphologischen und syntaktischen) dazu beitragen, fachliche Inhalte und Aussagen zu realisieren und anderen Sprachteilnehmern zu vermitteln.<sup>2</sup> (Gerbert, 1970: 14)

<sup>1</sup> «[A língua especializada é] o meio para um óptimo entendimento num âmbito de conhecimento especializado e entre especialistas, caracterizado por um vocabulário específico e normas especiais referentes à selecção, utilização e frequência dos recursos lexicais e gramaticais da língua comum, que não existe como manifestação autónoma da língua, antes ele é actualizado nos textos especializados, os quais, além do estrato correspondente à língua de especialidade, contêm sempre elementos da língua comum.» (trad. Carlos Garrido).

<sup>2</sup> «Com o termo *língua especializada* referimo-nos ao acervo dos meios lingüísticos que, a diferentes níveis (lexical, morfológico e sintático), possibilitam a articulação de conteúdos e enunciados especializados e a sua transmissão a outros participantes na comunicação.» (trad. Carlos Garrido).

Com o progredir da investigação sobre as línguas especializadas, tem vindo a reconhecer-se que, para além do léxico e da morfossintaxe, outros âmbitos expressivos, como o da estruturação textual, o dos elementos paralingüísticos e o dos recursos extralingüísticos, som igualmente constitutivos e caracterizadores dos textos especializados. Por conseqüência, neste trabalho partimos de que todo o texto dos campos da Matemática, das Ciências Naturais e da Técnica pode ser caracterizado por umha série de traços atinentes à sua estruturação textual (género textual e suas convenções), morfossintaxe, léxico, elementos paralingüísticos (tipografia, quantificação, sistemas nomenclaturais e de notação) e recursos extralingüísticos (iconografia, diagramação textual), que, em conjunto, constituem a correspondente *língua especializada*.

No entanto, de todos estes componentes textuais, os recursos lexicais (terminologia) e os morfossintáticos, por esta ordem, som, em geral, os mais específicos, característicos e universais das línguas especializadas, e também os que mais sujeitos estão à variação interlingüística, polo que eles se constituem em domínios críticos para umha habilitação ou disponibilização de tecnolectos que, como no caso do galego-português da Galiza —língua socialmente minorada—, deva subtrair-se a fenómenos de interferência induzíveis por umha língua socialmente supraordinada (no nosso caso, o castelhano).

No actual contexto de alargamento funcional do galego, visando oferecer orientação sobre a melhor estratégia para habilitar hoje nesse idioma as línguas especializadas (técnico-científicas), o presente trabalho centra-se na importante esfera do léxico e apresenta, em primeiro lugar, umha análise, executada mediante exemplos ou casos representativos, da incidência de *processos degradativos e atitudes nom regeneradoras* sobre o actual léxico galego; em segundo lugar, e a modo de conclusom, som aqui explicitadas as medidas necessárias para habilitar em galego, do modo mais natural, económico e funcional, o léxico das diferentes línguas especializadas (da Matemática, das Ciências Naturais e da Técnica)<sup>3</sup>.

## **2. PANORAMA DA DEGRADAÇÃO LEXICAL DO GALEGO: MANIFESTAÇÕES DO PROBLEMA**

Com o intuito de se realizar umha aproximação ao fenómeno da degradação do léxico galego e à sua incidência sobre a constituição das correspondentes línguas especializadas, a seguir oferece-se umha amostra constituída por dez exemplos de situações de uso ou desempenho lexical, a qual, já à partida, patenteia a natureza —diversa— e a intensidade

<sup>3</sup> A habilitação em galego da morfossintaxe das línguas especializadas (técnico-científicas) deve fazer face a processos degradativos similares aos defrontados pola habilitação lexical. Sobre este assunto, cf. Garrido (2005).

—elevada— da disfuncionalidade e descaracterização que na actualidade padece o léxico do galego-português da Galiza.

Os processos degradativos que hoje afligem o léxico galego, os quais som ilustrados nos exemplos que seguem, podem conceituar-se (Garrido, 1999; Garrido e Riera, 2000: 20-34) como *variação sem padronização*, *substituição*, *erosom*, *estagnação* e *suplência*. Dentre eles, os que incidem de modo mais intenso sobre a expressom especializada som a *variação sem padronização* e a *estagnação* e *suplência*.

*Exemplo 2-1: angala ~ gala ~ galada ~ galagem ~ galaja ~ garnela ~ guelra ~ guerla*

- a) Um investigador galego do campo da piscicultura deseja escrever em galego a sua tese de doutoramento, para o que precisa de empregar continuamente um termo patrimonial, alternativo ao helenismo *bránquia*, que designe o ‘órgao respiratório dos peixes (vertebrados aquáticos), que capta o oxigénio dissolvido na água e que tem o aspecto dos dentes de um pente’. Com esse significado, na Galiza, segundo as regions, registam-se, entre outras, as vozes (cf., p. ex., Ríos Panisse, 1977: 155-157; Pousa Ortega, 2002: 253; García, 1985; Alonso Estraviz, 1995) *angala*, *gala*, *galada*, *galagem*, *galaja*, *garnela*, *guelra* e *guerla*<sup>4</sup>, as quais som perfeitamente sinónimas entre si (geossinónimos). Qual destes vocábulos deverá entom utilizar o biólogo? O presente na fala da sua comarca? Umha resposta inteligente seria: «Nom necessariamente, claro, pois, em tal caso, a designação desse conceito, e a de muitos outros, variaria nos textos (especializados) escritos em galego de redactor para redactor, dependendo da sua proveniência geográfica.». Interessaria, portanto, utilizar a variante geográfica reconhecida pola generalidade dos utentes cultos da língua e socialmente consagrada como supradialectal. Qual essa voz supradialectal? PRIMEIRA MANIFESTAÇÃO DE DEGRADAÇÃO LEXICAL: Para designar o conceito em causa (e muitos outros), hoje em dia, em território galego, som utilizados vários (muitos) geossinónimos diferentes, e o redactor médio ignora qual das denominações é a comum ou supradialectal, a que deve utilizar num (con)texto formal<sup>5</sup>.
- b) A última edição (1997, reimpressom em 1998) do *Diccionario da Real Academia Galega* (DRAG) —o qual, para os utilizadores da normativa ortográfica e morfológica da Real Academia Galega e do Instituto da Lingua Galega (1982; última reforma: 2003), constitui obra fundamental de

<sup>4</sup> Quando neste ensaio forem enunciadas séries de vocábulos que representam variantes geográficas (geossinónimos), a ordem em que eles aparecem é a alfabética.

<sup>5</sup> No caso que nos ocupa, por exemplo, as vozes supradialectais correspondentes (mas, com certeza, nom as únicas registadas nos respectivos domínios geográficos!) em castelhano, inglês e alemám som, respectivamente, *agalla*, *gill* e *Kieme*.

referência— inclui, como vozes patrimoniais com o significado aduzido, as formas *gala* (s.v. *gala*<sub>2</sub>), *galada*, *guelra* e *guerla*. Deste modo, ao ter excluído das suas páginas, entre outras, as variantes *angala*, *galagem* e *galaja*, o DRAG contribui aqui à simplificação e à delimitação da denominação supradialectal. No entanto, apesar da selecção de variantes efectuada, o DRAG desiste de indicar *a* correspondente voz supradialectal (única), pois, para começar, ele inclui, como dixemos, quatro geossinónimos, e, além disso, entre eles nom estabelece mais prelação que a de priorizar *guerla* sobre *guelra*<sup>6</sup>.

SEGUNDA MANIFESTAÇÃO DE DEGRADAÇÃO LEXICAL: Regista-se inibição por parte dos agentes codificadores do galego hoje autorizados polo poder autonómico (RAG-ILG) perante o fenómeno da freqüente existência de geossinónimos, pois, na sua obra lexicográfica de referência (o DRAG), eles nom estabelecem em cada caso a forma supradialectal, nem oferecem qualquer indicação praticável para seleccioná-la.

- c) A última edição (2004) do *Vocabulario Ortográfico da Lingua Galega* do Instituto da Lingua Galega e da Real Academia Galega (VOLGA) —o qual representa, para os utilizadores da normativa RAG-ILG, umha obra de referência complementar do DRAG— inclui, com o significado de ‘órgao respiratório dos peixes, brânquia’, e para além dos geossinónimos do DRAG (com a priorização de *guerla* sobre *guelra*), também *galaja* (s.v. *galaxa*).

TERCEIRA MANIFESTAÇÃO DE DEGRADAÇÃO LEXICAL: Neste caso (e noutros, como se verá), no seio da normativa RAG-ILG regista-se discordância quanto à selecção de geossinónimos entre as duas obras de referência no campo do léxico (o DRAG e o VOLGA)<sup>7</sup>.

*Exemplo 2-2: (fenestra ~) fiestra ~ janela (~ jinela) ~ \*ventá (~ \*ventám ~ \*ventana)*

O professor propom aos estudantes como exercício de tradução verterem para galego o conto de Julio Cortázar “La isla a mediodía”. Numha das primeiras linhas desta narrativa figura o segmento «[...] cuando en el óvalo azul de la ventanilla [do aviom] entró

<sup>6</sup> Neste caso, como noutros muitos, o critério que levou os compiladores do DRAG a excluírem da “normatividade” umhas variantes geográficas, e a incluírem nela outras, nom fica claro nem é reproduzível. Igualmente, qual seja aqui o critério aplicado para priorizar *guerla* sobre *guelra* (decisão esta, por sinal, rupturista com o luso-brasileiro, no qual a forma supradialectal é a mais etimológica, i. é, *guelra*) também permanece na obscuridade, pois critérios tradicionalmente invocados, como a maior representação demográfica na Galiza, a maior presença na literatura ou a estrutura morfológica da palavra nom se revelam aqui operativos.

<sup>7</sup> Dentro da normativa RAG-ILG, também o *Gran Diccionario Xerais da Lingua* (abrev.: GDXL) renuncia a indicar a forma supradialectal neste e noutros casos de concorrência de geossinónimos (com o significado de ‘brânquia’ este dicionário inclui ao mesmo nível *gala*, *galada* [que prioriza sobre *angala*], *galaja* [que prioriza sobre *galagem*] e *guerla* [que prioriza sobre *guelra*]).

el litoral de la isla». Nas versons dos estudantes (c. 30), unificando a ortografía, estas som as formas em que apareceu restituída a palabra castelhana *ventanilla* (*de un avión*): *fiestra*, *fiestrinha*, *janela*, *janelinha*, *ventá*, *ventaninha*. Portanto, fôrom aqui utilizadas até seis soluçons diferentes!<sup>8</sup>

É claro que este polimorfismo designativo nom pode considerar-se enriquecedor, e sim disfuncional, pois, como acontecia no exemplo anterior, todas as vozes em presença som sinónimas perfeitas entre si. Aqui, a fonte da dispersom designativa é de natureza dupla: por um lado, aprecia-se umha variaçom de lexemas devida à concorrência de vários geossinónimos que se distribuem de modo disjunto polo território galego (*fiestra* ~ *janela* ~ *ventá*), sem que nengum deles tenha sido socialmente consagrado como supradialectal (ou, correlativamente, rejeitado da língua formal, ou preterido nela, enquanto dialectal); por outro lado, perante a necessidade de referir umha realidade moderna e relacionada com a técnica (transporte aeronáutico), para a qual nom foi gerada autonomamente em galego qualquer denominaçom, alguns alunos optam por decalcar a estrutura morfológica da correspondente denominaçom castelhana (incorporando à raíz um sufixo diminutivo, como *-inha*), enquanto outros alunos se inclinam a utilizar algumha das formas simples, desprovidas de sufixo (como fai o luso-bras.: *janela* [do aviom]).

Neste caso é importante constatar que se, para que se tenha dado a dispersom designativa descrita, som condiçoms necessárias a variaçom geográfica e a estagnaçom do léxico galego, elas, por si sós, nom representam condiçoms suficientes, já que a essas circunstâncias deve ainda somar-se a *inibiçom* dos agentes codificadores até hoje autorizados polo poder autonómico, os quais, nas suas obras lexicográficas de referência, nem tenhem até agora indicado qual seja o geossinónimo supradialectal para designar a ‘abertura praticada numha parede para deixar passar a luz e o ar’, nem tenhem habilitado umha denominaçom específica para designar o conceito moderno que aqui nos ocupa. Assim, tanto o DRAG como o VOLGA (e também o GDXL) incluem com a mesma consideraçom *fiestra*, *janela* e *ventá*, e tam só excluem, dentre as mencionadas, as variantes *fenestra*, *jinela* e *ventám*<sup>9</sup>. Além disso, o conceito ‘abertura lateral de um veículo’ nom aparece no DRAG atribuído de modo específico a nengumha voz e, se bem que ele pudesse entender-se incluso (com bastante dificuldade!) no verbete encabeçado por *ventá* («1. Abertura nunha parede ou noutra superficie para deixar pasa-la luz e o aire. *Abriron dúas ventás na planta*

<sup>8</sup> Estas, no entanto, ainda nom esgotam todas as possíveis (!), pois, junto com *fiestra*, também foi registada no galego espontáneo (actual) a forma sinónima *fenestra* (cf. García, 1996: 108; também é provável que existam as variantes, derivadas do mesmo étimo, *festra* e *fresta*), e, junto com *janela*, também *jinela* (cf. Forneiro, 2004: 96). Por outro lado, a voz *fiestra* é utilizada nalgumas regions da Galiza (cf. Rivas Quintas, 1988, 2001: s.v. *fiestra*) com o significado que ela (~ *fresta*) tem em luso-br. padrom (‘janela pequena, estreita’, ‘seteira’).

<sup>9</sup> As formas *ventá* e *ventám* mesmo poderiam e deveriam ser rejeitadas como castelhanismos (substitutórios), da mesma forma que nas obras lexicográficas actuais o é, unanimemente, *ventana* (cf. García, 1996: 108).

*baixa*. 2. Peza que cerra esa abertura e que está formada de vidros suxeitos por un marco de madeira ou doutro material.», sublinhado nosso)<sup>10</sup>, levando em conta a estagnação e a suplência que sofre o léxico galego, a explicitação da designação desse conceito próprio do mundo moderno parece na verdade indispensável. Portanto, a sua falta leva necessariamente a considerarmos que o DRAG se inibe e *nom* postula qualquer denominação para o conceito em causa<sup>11</sup>.

Para completarmos o presente quadro de ineficácia lexical, consideremos agora o conceito anatómico, zoológico e médico ‘abertura oval no ouvido interno, fechada pola base do estribo’, o qual é designado em luso-brasileiro por *janela oval* ou por *janela vestibular*, e em castelhano por *ventana oval* ou por *ventana vestibular*. Este conceito, como muitos outros especializados e cultos, *nom* é registado no DRAG, mas sim, por sinal, no *Diccionario Galego de Termos Médicos* da “Real Academia de Medicina e Cirurxía de Galicia” (Reyes Oliveros e García González, 2002), obra que se sujeita às prescrições da normativa RAG-ILG, e que foi codirigida por um conspícuo membro da RAG (o Dr. Constantino García) e revista polo Seminário de Lexicografia da RAG. Com efeito, neste dicionário especializado *sim* consta o conceito em causa, aparecendo adscrito à voz *ventá* (sob as formas terminológicas *ventá oval* e *ventá vestibular*). Ora, o surpreendente do caso é que, para tal designação, este dicionário *nom* considere nem *fiestra* (voz que nele *nom* aparece registada), nem *janela* (s.v. *xanela* encontra-se apenas a definição «Ventá pequena ou, por extensión, calquera abertura ou oco de pequeno tamaño.», sublinhado nosso)!

Em resumo, no presente exemplo podem apreciar-se até seis manifestações da degradação lexical do galego:

PRIMEIRA MANIFESTAÇÃO DE DEGRADAÇÃO LEXICAL: Com o significado de ‘abertura praticada numha parede para deixar passar a luz e o ar’, na *fala espontânea*<sup>12</sup> concorrem

<sup>10</sup> Ainda mais dificultoso, para *nom* dizer impossível, se revela entendermos como incluso na esfera semântica de *fiestra* ~ *janela* ~ *ventá* o conceito ‘abertura lateral de um veículo’ ao consultarmos no DRAG as vozes *fiestra* e *xanela* (cujas definições *nom* coincidem exactamente com a de *ventá*!): «**fiestra**: 1. Abertura na parede para deixar entra-lo aire e a luz, xeralmente cerrada con vidros.», «**xanela**: 1. Abertura feita nunha parede para deixar pasa-la luz e o aire.».

<sup>11</sup> Polo contrário, o *Diccionario da Língua Portuguesa Contemporânea* da Academia das Ciências de Lisboa (DACL) *sim* explicita, s.v. *janela* (3.ª acepção), este conceito moderno: «1. Abertura na parede de um edifício, com a função de nele deixar entrar a luz e o ar. [...] 3. Abertura semelhante, coberta com vidraça móvel ou fixa, em automóveis, comboios, aviões...».

<sup>12</sup> Adscrevemos à *fala espontânea* aqueles usos lingüísticos do galego, próprios em geral de falantes de língua materna galega, que *tenhem* carácter coloquial, que *nom* *som* influenciados por qualquer modelo de correção *nom* estão sujeitos a qualquer regulação formal, polo que eles apresentam umha grande frequência de castelhanismos lexicais (menos frequentes *som* aqui as interferências fonológicas e morfossintáticas induzidas polo castelhano). Na actualidade, *som* produtores constantes de galego espontâneo (*falantes espontâneos*) a maior parte dos falantes de galego que *nom* receberam instrução em língua e literatura galegas durante o ensino primário ou secundário (hoje, todos os maiores de 40 anos) e, ainda, infelizmente, e por causas sociolingüísticas e psicolingüísticas, também muitos galegofonos jovens que *sim* receberam instrução formal em galego.

vários geossinónimos (*fenestra* ~ *fiestra* ~ *janela* ~ *jinela* ~ *\*ventá(m)* ~ *\*ventana*), sem que até agora se tenha consagrado socialmente nenhum deles como supradialectal, o que empece qualquer comunicação que pretenda ultrapassar o âmbito comarcal.

SEGUNDA MANIFESTAÇÃO DE DEGRADAÇÃO LEXICAL: Inibição dos agentes codificadores do galego hoje autorizados pelo poder autonómico no relativo à selecção como supradialectal de algum dos referidos geossinónimos, o que acarreta evidente ineficácia comunicativa (em contextos formais)<sup>13</sup>.

TERCEIRA MANIFESTAÇÃO DE DEGRADAÇÃO LEXICAL: Inibição dos agentes codificadores do galego hoje autorizados pelo poder autonómico no relativo à necessária expurgação do castelhanismo substitutório *\*ventá*, o qual, de todos os geossinónimos enunciados, é hoje sem dúvida o mais frequente na fala espontânea. Esta inibição contribui, naturalmente, para descaracterizar o léxico galego.

QUARTA MANIFESTAÇÃO DE DEGRADAÇÃO LEXICAL: O léxico do galego espontâneo nom inclui a denominação de um conceito pertencente ao mundo moderno e tecnificado como o da ‘pequena abertura lateral presente na cabina de passageiros de um aviom’. Daqui, naturalmente, decorre ineficácia comunicativa do galego no contexto da modernidade.

QUINTA MANIFESTAÇÃO DE DEGRADAÇÃO LEXICAL: Inibição dos agentes codificadores do galego hoje autorizados pelo poder autonómico perante a necessidade de se habilitarem denominações para conceitos próprios do mundo moderno e tecnificado. Esta circunstância, como vemos no caso da designação da ‘pequena abertura lateral presente na cabina de passageiros de um aviom’, conduz à ineficácia comunicativa (dispersom designativa) e à descaracterização (por assimilação ao castelhano: *\*ventaninha*).

SEXTA MANIFESTAÇÃO DE DEGRADAÇÃO LEXICAL: Umha obra lexicográfica de referência para os utentes da norma RAG-ILG como o *Diccionario Galego de Termos Médicos* da “Real Academia de Medicina e Cirurxía de Galicia”, que foi revista polo Seminário de Lexicografía da RAG, ao propor *ventá oval/ventibular* como única denominação da ‘abertura oval no ouvido interno, fechada pola base do estribo’, contraria, de forma arbitrária e sem oferecer qualquer explicação, o critério do DRAG polo que diz respeito à selecção dos geossinónimos em questom (pois desconsidera as formas *fiestra* e *janela*) e à atribuição de valor semántico à voz *janela* (que nesse dicionário médico é apresentada como tendo valor diminutivo). Estas contradições fomentam nos utentes da normativa RAG-ILG insegurança no emprego do código e contribuem à sua castelhanização (gal. *\*ventá* < cast. *ventana*).

<sup>13</sup> Para abundar neste aspecto, considere-se a dispersom designativa que pode também gerar-se ao denominarmos em galego, sob a tutela da normativa RAG-ILG, o conceito de Informática que em ingl. recebe o nome de *window*.

*Exemplo 2-3: cast. cuestión harto compleja, gal. ?*

- a) Umha professora universitária está a proferir umha palestra em língua castelhana acerca de um tema da sua competência e, numha dada altura, para ponderar umha dificuldade defrontada na investigação, ela afirma: «Cuestión ésta harto compleja, sin duda...». Pergunta: qual o equivalente funcional em galego deste *harto*, advérbio intensificador, próprio de registos elevados, que determina adjectivos? Esta pergunta fai sentido, naturalmente, se se quizer introduzir o galego em âmbitos formais e prestigiados, e nom pode despachar-se respondendo simplesmente que em galego nom tem por quê existir esse equivalente, porque, de facto, para o galego se constituir numha verdadeira língua de cultura, nele tem de ser possível a *plena traduzibilidade* do exprimido noutras línguas de cultura, e mais quando o é numha língua estruturalmente tam próxima do galego como o castelhano. À pergunta posta, os alunos do autor destas linhas respondêrom com um silêncio de perplexidade ou recorrendo aos advérbios *mui*, *bastante* e *avondo*. Ora, as soluçõs galegas propostas, ainda que semanticamente próximas de *harto*, decerto nom se revelam completamente satisfatórias, já que nom correspondem ao registo elevado próprio do advérbio castelhano, mas, antes, a um plano de neutralidade expressiva ou, ainda, de coloquialismo (caso de *avondo*), polo que elas nom podem ser consideradas como verdadeiros equivalentes funcionais.
- b) Verdadeiro equivalente funcional desse *harto* castelhano no luso-brasileiro actual é o advérbio *assaz* (também presente, como arcaísmo, no cast. contemporâneo), de modo que umha restituiçom fiel em luso-br. da oraçom castelhana proposta seria «Questão esta assaz complexa, sem dúvida...». Por outro lado, e como caberia esperar-se, no galego-português da Galiza este advérbio *assaz* (ou *assás*) era conhecido e usado na época medieval, como atesta, p. ex., o verso «achey hua campanha assás brava e crua» da composiçom de Airas Nunes que transcreve, s.v. *asás*, o *Diccionario gallego-castellano* de 1913-1928 da Real Academia Galega.

PRIMEIRA MANIFESTAÇOM DE DEGRADAÇOM LEXICAL: Como aconteceu com outras vozes próprias de registos elevados, o advérbio *assaz*, que era conhecido no galego medieval (culto), acabou por cair em desuso e nom está presente no actual galego espontâneo. Daquí decorre, portanto, umha lacuna designativa (estilística) e disfuncionalidade expressiva.

SEGUNDA MANIFESTAÇOM DE DEGRADAÇOM LEXICAL: Os agentes codificadores do galego hoje autorizados polo poder autonómico inibem-se e nom restauram (nem no DRAG nem no VOLGA; também nom no GDXL) a VOZ *assaz* para os usos cultos, de modo que assim nom fica corrigida a correspondente ineficácia comunicativa do léxico galego.



*Exemplo 2.4: \*silha (por cadeira), \*aier (por ontem), \*fecha (por data), \*caída (por queda)*

Dependendo do falante, da sua idade, formação e residência habitual, hoje nom é raro escuitarmos em galego espontáneo enunciados que, como «Sentou(-se) numha *silha*» ou, mesmo, «*Aier* nom fum ao trabalho», contemhem os castelhanismos *\*silha* e *\*aier* (formado a partir de *ayer*), os quais substituem as formas galegas genuínas e tradicionais, comuns com as luso-brasileiras, *cadeira* e *ontem*, respectivamente. Ora, nem todos os falantes espontáneos de galego fam uso na actualidade destes dous castelhanismos, e alguns (muitos?) ainda conservam as correspondentes formas tradicionais. Casos diferentes som os constituídos por *data* e por *queda* ('acto e efeito de cair'), unidades lexicais pertencentes a domínios mais formais que os das anteriores vozes<sup>14</sup>, e que na fala espontánea fõrom completamente suplantadas polos castelhanismos *\*fecha* e *\*caída*<sup>15</sup>, respectivamente.

Por outro lado, nengum dos modernos dicionários de galego registam como correctas as formas substitutórias *\*silha*, *\*aier* e *\*fecha*, e nengum utente culto de galego (especialmente, escritores ou redactores) as utiliza na actualidade, como nom seja para reflectir a fala coloquial espontánea (e degradada)<sup>16</sup>. Já com a voz *\*caída* se regista, porém, outro comportamento: o DRAG inclui-na como única voz correcta no sentido de 'acto e efeito de cair'<sup>17</sup>, enquanto que o *Dicionário da Língua Galega* de Isaac A. Estraviz (1995; abrev. DLGE), de pendor reintegracionista, embora nom deixe de incluir *caída*<sup>18</sup>, com esse significado também regista *queda*.

Por conseguinte, nos casos de *\*silha*, *\*aier*, *\*fecha* e *\*caída* acho-nos perante fenómenos de *substituição* de significantes (lexemas) galegos por parte de significantes (lexemas) castelhanos que descaracterizam o galego espontáneo assimilando-o ao castelhano. Trata-se, neste caso, de substituições lexicais nom ocasionais e nom restritas

<sup>14</sup> Com efeito, a voz *data* pertence, em grande parte, ao âmbito da expressom escrita e da realidade "institucionalizada", enquanto *queda* é palavra que se refere a um conceito abstracto, e a designaçom de conceitos intangíveis constitui um dos âmbitos lexicais do galego menos elaborados e que mais intensamente sofreu castelhanizaçom.

<sup>15</sup> A este respeito, o *Estudo Crítico* da Comissom Lingüística da AGAL (AA.VV., 1989), na pág. 143, afirma: «[*Caída*] É outro espanholismo por *queda*. A forma medieval era *caeda*, que depois passou a *queda* (antes *queeda*), igual que as antigas *caente* e *caentar* passárom a *quente* e *quentar*.».

<sup>16</sup> No caso concreto da substituição de *cadeira* por *\*silha*, para se completar o quadro da degradaçom lexical, também caberia falar da estagnaçom e suplência associadas (*\*silhom* em vez de *cadeira de braços* ou *cadeirom*; *\*silhim* em vez de *selim* [da bicicleta]) e da falta de elaboraçom (em Anatomia, *sela turca* ou *cadeira turca*?).

<sup>17</sup> De facto, o DRAG nom contém qualquer verbete encabeçado polo lema *queda* enquanto substantivo (mas, curiosamente, sim aparece o seu plural, *quedas*, subordinado ao lema *quedo -a* [adj]!). Nisto, como noutros casos, o DRAG é contrariado polo VOLGA, que sim inclui a voz *queda* como substantivo.

<sup>18</sup> Nos dicionários de língua do âmbito luso-brasileiro, a voz *caída* é registada como sinónima de *queda*, mas como forma residual e marginal, de modo que, por exemplo, nos dicionários bilíngües que confrontam o luso-brasileiro com outra língua, a única voz que com esse significado aparece é *queda*.

a neofalantes, mas que afectam de modo constante a fala espontânea de um número maior ou menor (até a totalidade) de utentes primários de galego. Além disso, no caso de *\*caída*, a substituição lexical (de *queda*) é mesmo consagrada pelo repositório que mais utentes de galego tenham como referência (o DRAG), de modo que ela é aceiteada pola maior parte de redactores (e até de escritores) que hoje fam uso do galego.

**Exemplo 2-5: *lâmpada, candeeiro, lustre***

- a) Para denotar o utensílio eléctrico que engendra luz por incandescência de um filamento, e cujo protótipo industrial (lâmpada eléctrica de incandescência com filamento de carbono, fabricada por Thomas Alva Edison) só apareceu em 1879, apenas 16 anos após a publicação na Galiza dos *Cantares Galegos* de Rosalia de Castro, a totalidade dos falantes espontâneos de galego (os quais ainda representam umha esmagadora maioria dos falantes de galego) empregam na actualidade a voz *bombilha*, de inequívoca proveniência castelhana (*bombilla*). O sufixo diminutivo *-illa* é patrimonial e produtivo em castelhano, mas nom em galego, onde a forma esperável seria *\*bombela* ou *\*bombinha* (sufixos diminutivos *-ela* ou *-inha*; cf. cat. *bombeta*).

PRIMEIRA MANIFESTAÇÃO DE DEGRADAÇÃO LEXICAL: regista-se neste caso, e na totalidade dos utentes de galego espontâneo, umha descaracterização ou desnaturação lexical, por assimilação ao castelhano.

- b) O DRAG inclui, com o significado aduzido —e com mui bom critério—, a voz *lâmpada*, de harmonia com o luso-brasileiro (luso-br. *lâmpada*). Ora, a habilitação da voz *lâmpada* nom é aproveitada no DRAG para expurgar do galego culto o castelhanismo crasso *bombilha*, pois esta palavra aparece registada nessa obra como sinónimo correcto.

SEGUNDA MANIFESTAÇÃO DE DEGRADAÇÃO LEXICAL: O DRAG nom expurga completamente do galego culto o castelhanismo crasso (e suplente) *bombilha*, polo que se mantém, ainda no modelo formal de língua promovido pola Real Academia Galega (e polo Instituto da Língua Galega), a descaracterização lexical. De modo secundário, o DRAG, ao propor o doblete *lâmpada – bombilha*, fomenta de modo gratuito um tipo de sinonímia prejudicial para a eficácia comunicativa da língua (sobretudo, em âmbitos especializados).

- c) Por seu turno, o *Gran Dicionario Xerais da Língua* (2000; abrev. GDXL) —repositório que para os utentes da normativa RAG-ILG actua de facto como supletório ou, mesmo, como substitutório do DRAG (v. *infra*)<sup>19</sup>, dadas as evidentes carências desta última obra (que só compreende c. 24.000 verbetes,

<sup>19</sup> O GDXL é, dos dicionários galegos que seguem a normativa RAG-ILG, o que maior caudal lexical abrange: c. 95.000 verbetes, segundo declaram os seus autores (se bem que entre eles se incluíam algunhas formas que os próprios dicionaristas consideram erradas ou alheias ao galego).

segundo declaram os seus compiladores)— repudia explicitamente, como castelhanismo evitável, a voz *bombilha* (o correspondente verbete aparece precedido de um asterisco e impresso num corpo de letra reduzido), e propom, para substituí-lo, unicamente a voz *lâmpada*.

TERCEIRA MANIFESTAÇÃO DE DEGRADAÇÃO LEXICAL: O GDXL, um dos dicionários de galego que hoje tem mais difusom, e o que, dentro da normativa RAG-ILG, mais léxico compreende, contradiz o critério do DRAG no referente à denominação correcta em galego do ‘utensílio eléctrico produtor de luz por incandescência de um filamento’ (*lâmpada* e/em vez de? *bombilha*), criando insegurança entre muitos utentes de galego culto.

- d) Se, conforme o DRAG, o ‘utensílio eléctrico produtor de luz por incandescência de um filamento’ é umha *lâmpada* ou *bombilha* e se, conforme o GDXL, tal é umha *lâmpada*, como é que deve ser denominado em galego o ‘aparelho que serve de suporte a umha ou mais lâmpadas’? Segundo o DRAG e o GDXL, inopinadamente, também *lâmpada*! (Nos dous dicionários, segunda acepçom s.v. *lâmpada*).

QUARTA MANIFESTAÇÃO DE DEGRADAÇÃO LEXICAL: Embora o DRAG e o GDXL expurguem o castelhanismo *lâmpara*, generalizado na fala espontânea, e restituam *lâmpada* (palavra conservada em luso-brasileiro), estas obras atribuem a *lâmpada* —dobrando-se perante a degradada fala espontânea— um significado castelhanizante (o de ‘aparelho que serve de suporte a umha ou mais lâmpadas’), atribuiçom que se revela claramente disfuncional<sup>20</sup>. Com efeito, num estabelecimento comercial de material eléctrico ou de iluminação, que deverá entender o empregado quando o cliente lhe solicitar «umha lâmpada»? Que eficácia e elegância comunicativas poderá encerrar o enunciado «desejo adquirir umha lâmpada de dez lâmpadas»? Aqui, a intervençom infeliz dos codificadores da RAG e do ILG, aliada à castelhanizaçom, fai nascer ambigüidade designativa e, portanto, disfuncionalidade no modelo de léxico culto por eles promovido<sup>21</sup>.

<sup>20</sup> A proposta do DRAG é funcional contanto que, com o significado de ‘utensílio eléctrico produtor de luz por incandescência de um filamento’, unicamente se utilize *bombilha*, e que *lâmpada* se reserve para denotar em exclusivo o aparelho de suporte (ex.: «umha lâmpada de cinco bombilhas»), conforme o esquema lexical castelhano, o qual aqui é, afinal, aquele a que o DRAG obedece e aquele cujo uso o DRAG promove.

<sup>21</sup> Naturalmente, nas variedades socialmente estabilizadas do galego-português, lusitano e brasileiro, este problema nom existe: o utensílio eléctrico produtor de luz por incandescência de um filamento é umha *lâmpada*, e o aparelho que serve de suporte a umha ou mais lâmpadas é um *candeeiro* (em Pt.) ou umha *luminária* (no Br.). Observe-se que tanto *candeeiro* como *luminária* som também palavras conservadas no galego espontâneo (cf., p. ex., Pousa Ortega, 2002: 258), mas neste, e nos dicionários galegos que seguem o padrom RAG-ILG, as suas esferas semânticas (como acontece com as de muitas outras vozes) nom están “actualizadas” e remetem unicamente para conceitos da cultura tradicional (agrária), nomeadamente, para um utensílio de iluminação próprio de tempos pretéritos, que servia de suporte a umha vela (no caso de *candeeiro*), e para umha fogueira (*luminária*).

- e) O cidadão galego culto sabe que um candeeiro (= cast. *lámpara*) de metal ou cristal suspenso do teto e provido de vários braços recebe em castelhano o nome de *araña*. Mas, qual seja a denominação correspondente em galego é questão a que nem a fala espontânea, pela sua estagnação e castelhanização, nem o DRAG, pelas suas limitações, sabem responder<sup>22</sup>.

QUINTA MANIFESTAÇÃO DE DEGRADAÇÃO LEXICAL: Neste caso da designação de um tipo particular de candeeiro (que em Portugal recebe o nome de *lustre* e em cast. o de *araña*) patenteia-se a existência de lacunas designativas no léxico do galego espontâneo e também no modelo de léxico culto que se está a socializar, lacunas que se traduzem em disfuncionalidade expressiva e em descaracterização lexical, pois, perante a falta de soluções autónomas, as necessidades designativas deste teor são satisfeitas, tanto na fala espontânea como no galego culto, mediante castelhanismos (suplentes).

- f) No âmbito da concepção, fabricação e comercialização de lâmpadas (eléctricas de incandescência), nas línguas de cultura —como o alemão, o castelhano, o francês, o inglês e as variedades socialmente estabilizadas do galego-português (lusitano e brasileiro)— manejam-se termos para designar cada um dos componentes, cada uma das peças, que integram as lâmpadas. Esses termos especializados, naturalmente, não fazem parte do léxico do galego espontâneo, mas eles também não aparecem no DRAG, nem, de facto, em quaisquer outros repositórios lexicográficos ou terminográficos até à data compilados em galego.

SEXTA MANIFESTAÇÃO DE DEGRADAÇÃO LEXICAL: Não se torna possível falar ou escrever com eficácia em galego sobre a concepção, fabricação e comercialização de lâmpadas, não, em geral, sobre nenhum outro tema especializado (da ciência e da técnica). Daí decorre disfuncionalidade comunicativa e, na prática, intensa descaracterização lexical (castelhanização).

<sup>22</sup> O GDXL, pelo contrário, sim parece ter resposta: *aranha* (cf. acepção n.º 2 s.v. *araña*), mas esta resposta é problemática porquanto, primeiro, para os utentes da normativa RAG-ILG, é o DRAG, e não o GDXL, a principal obra de referência no campo das palavras lexicais; segundo, dada a concepção que esta obra tem de *candeeiro* (unicamente a antiquada, referente a um suporte para velas ou candelas [= candelas]), a sua definição de *araña* («Especie de candeeiro con varios brazos semellante a este animal [aranha]») remete para um objecto próprio dos tempos em que ainda não se conhecia a luz eléctrica; e, terceiro, a utilização da voz *aranha* como única solução ao problema designativo em causa representa um servil decalque do castelhano e um procedimento, aliás, desarmonioso com o seguido para habilitar *lámpada* com o significado de ‘utensílio eléctrico produtor de luz por incandescência de um filamento’. A palavra habitual em Portugal para designar estes candeeiros de teto de vários braços é *lustre*, solução que nós propomos também para o galego.

*Exemplo 2-6: quelha ~ quenlha como 'peixe cartilágineo elasmobrânquio pleurotremado'*

O professor de Biología deve falar, em galego, aos seus alunos sobre as adaptações presentes no grupo constituído polos vertebrados que os zoólogos apelidam de “peixes cartilágineos elasmobrânquios pleurotremados”, os quais som conhecidos em luso-brasileiro polo nome vernáculo de *tubarões*, e em castelhano polo de *tiburones*.

PRIMEIRA MANIFESTAÇÃO DE DEGRADAÇÃO LEXICAL: Na fala espontânea galega, se bem que existam diversas denominações vernáculas correspondentes a algunhas espécies ou géneros de peixes cartilágineos elasmobrânquios pleurotremados (presentes nas costas da Galiza), como *quelha ~ quenlha* (que designa a espécie *Prionace glauca*), *caçom* (que designa espécies do género *Mustelus*), etc., nela nom foi instaurada de forma autónoma qualquer denominação vernácula que abranja conjuntamente todo o grupo dos elasmobrânquios pleurotremados<sup>23</sup>, de modo que, para referir este último conceito, na fala espontânea apenas está disponível o castelhanismo (suplente) *tiburom*<sup>24</sup>.

SEGUNDA MANIFESTAÇÃO DE DEGRADAÇÃO LEXICAL: O DRAG, para superar a mencionada suplência do castelhano, procede a expurgar a voz *tiburom* (nele o lema *tiburón* aparece marcado com um asterisco, como sinal de incorrecção) e a alargar a esfera semántica de *quenlha*<sup>25</sup>, vocábulo que, deste modo, além de denotar a espécie *Prionace glauca* (família Carcarídeos), passa a designar, por via artificiosa, e para os utentes da normativa RAG-ILG, todo o conjunto dos peixes elasmobrânquios pleurotremados. Ora, esta intervençom dos compiladores do DRAG nom deve qualificar-se senom de infeliz, porquanto, assim, se está a introducir umha ambigüidade gratuita na utilizaçom da palavra *quenlha*, de sorte que, quando o professor mencionar as quenlhas, para a sua audiéncia pode nom ficar claro se a referência é feita a todo o grupo dos elasmobrânquios pleurotremados ou especificamente a *Prionace glauca* (nos dominios lingüísticos socialmente estabilizados nom há aquí confusom possível entre a denominação da espécie e a do grupo a que ela pertence: luso-br. *quelha/tubarão*, al. *Blauhail/Hai*, cast. *tintorera/tiburón*, cat. *tintorera/tauró*, fr. *requin bleu/requin*, ingl. *blue shark/shark*). Por conseguinte, neste caso, com a sua *intervençom*, os codificadores do galego hoje autorizados polo poder autonómico contribuem para a ineficácia expressiva do léxico.

<sup>23</sup> Isto nom deve admirar, dado que o conceito é, de certo modo, abstracto e erudito e corresponde a umha maneira “científica” de perspectivar a realidade.

<sup>24</sup> Há alguns anos circulou no galego escrito a forma *tabeirom*, voz provavelmente inventada ou surgida espontaneamente por deformaçom a partir do cast. *tiburón*.

<sup>25</sup> Dentre os dous geosinónimos isetimológicos presentes em território galego, *quelha* e *quenlha* (cf. Ríos Panisse, 1977: 179), tanto o DRAG como o VOLGA optam por priorizar o segundo, em contraste com a forma supradialectal consagrada em luso-brasileiro, que é *quelha*. Por outro lado, nem o DRAG nem o VOLGA incluem outra denominação vernácula comum, tanto na Galiza como no âmbito luso-brasileiro, de *Prionace glauca*: *tintureira*.

TERCEIRA MANIFESTAÇÃO DE DEGRADAÇÃO LEXICAL: O VOLGA (e o GDXL) dá como voz correcta em galego, além de *quenlla*, também *tiburón*, voz esta que, de modo implícito (umha vez que o VOLGA nom declara os significados das palavras), deve entender-se como designando o ‘grupo dos peixes elasmobrânquios pleurotremados’<sup>26</sup>. Este proceder deveria avaliar-se como positivo se, na linha do que acaba de explicar-se, o VOLGA, contradizendo completamente o DRAG, restringisse à ‘espécie *Prionace glauca*’ a extensom designativa de *quenlla* e nom lhe alargasse artificiosa e inconvenientemente a esfera semántica. Ora, isto último nom fica garantido pola mera presença no VOLGA da voz *tiburón*<sup>27</sup>, e temos de convir que, assim sendo, as conseqüências de tal decisom se revelam, afinal de contas, deletérias: primeiro, porque se admite no modelo de léxico culto um castelhanismo (suplente) como *tiburom* (descaracterizaçom lexical), e, segundo, porque, mais umha vez, se suscita contradiçom entre os repositórios lexicais que nesta altura mais galegos adoptam como referência, o que favorece a insegurança no manejo do código e, portanto, a ineficácia comunicativa.

*Exemplo 2-7: surto (de umha doença)*

No Inverno de 1999, manifestou-se na cidade de Vigo, de forma súbita e virulenta, a doença infecciosa conhecida como *legionelose* ou *pneumonia dos legionários*. Nos poucos meios de comunicaçom social que se exprimiam em galego, e por espaço de poucos dias, isto originou umha verdadeira enxurrada de nomes diferentes para designar o fenómeno da ‘irrupçom brusca de doença ou epidemia’, entre os quais o autor destas linhas chegou a registar sete: *abrocho*, *brote*, *broto*, *germolo*, *gérnolo*, *gromo* e *rebenito*. Esta proliferaçom de denominaçoms, certamente indesejável, é claro sinal de que algo corre mal para o léxico galego e de que grande parte dos seus utentes nom alcança a eficácia comunicativa que, por exemplo, se dá em castelhano, idioma em que unanimemente se utilizou, e se utiliza, *brote* com o sentido aduzido<sup>28</sup>. O que acontecera neste caso com o galego?

PRIMEIRA MANIFESTAÇÃO DE DEGRADAÇÃO LEXICAL: Em galego espontâneo nom foi gerada de modo autónomo umha denominaçom para o conceito ‘irrupçom brusca de doença ou epidemia’, o qual é de cariz especializado, de modo que nele se emprega, com esse sentido, o castelhanismo (suplente) *brote*, o que acarreta descaracterizaçom para o léxico galego.

<sup>26</sup> A atribuiçom a *tiburón* do significado ‘grupo dos peixes elasmobrânquios pleurotremados’ é explícita no GDXL, obra que sim inclui as definiçoms das palavras.

<sup>27</sup> De facto, o GDXL, que inclui, como se dixo, *tiburón* com o significado de ‘grupo dos peixes elasmobrânquios pleurotremados’, também adjudica a *quenlla* (2.<sup>a</sup> acepçom s.v. *quenlla*<sub>2</sub>) esse mesmo valor.

<sup>28</sup> Noutros ámbitos lingüísticos socialmente estabilizados, estas som as soluçoms unanimemente empregadas com o mesmo sentido: *surto* (do lat. *surgere* ‘surgir’), em luso-br.; *outbreak* (lit. ‘irrupçom’), em ingl.; *Ausbruch* (lit. ‘irrupçom’), em al.

SEGUNDA MANIFESTAÇÃO DE DEGRADAÇÃO LEXICAL: No DRAG nom se ofrece —polo menos, de forma clara e específica— qualquer solución para designar a ‘irrupción brusca de doença ou epidemia’, pois, embora fosse possível interpretarmos que nesse dicionário o conceito ‘irromper bruscamente [num meio ou localidade] umha doença’ fica subsumido na quarta acepção do seu verbete *brotar* («4. fig. Comezar a manifestarse, producirse ou aparecer de repente. *Brotou da terra unha columna de fume. Ó chocaren as dúas pedras brotaron chispas.* SIN. *xurdir*. *Brotoulle dos labios unha resposta seca.*»), já a definição (única) que ele oferece de *brote*, único substantivo derivado de *brotar* incluído, parece desmentir ou desalentar tal expectativa («**brote** s.m. Pequeno botón que lles sae ós vexetais no talo ou nas pólas e que dá lugar a novas pólas, follas e flores.»)<sup>29</sup>. Por outro lado, deve ter-se em conta que os codificadores da RAG-ILG nom fornecêrom aos utentes da sua normativa as “ferramentas” (conceptuais e metodológicas) necessárias para eles poderem colmatar, de modo autónomo e eficaz, lacunas designativas do galego como a aqui comentada.

TERCEIRA MANIFESTAÇÃO DE DEGRADAÇÃO LEXICAL: Contradizendo flagrantemente o critério do DRAG e do VOLGA, o GDXL —repositório que para os utentes da normativa RAG-ILG actua de facto como supletório ou, mesmo, como substitutório do DRAG— declara castelhanismos censuráveis as vozes *brotar* e *brote*, e propom, para substituí-las, *abrolhar* e *gromo*<sup>30</sup>, respectivamente (vozes estas que, como todas as anteriormente citadas, em nengum caso som providas no GDXL da acepção ‘irrupción brusca de doença ou epidemia’). Decerto, esta contradição entre dicionários nom fai senom fomentar entre os utentes da normativa RAG-ILG a insegurança no emprego do léxico.

Assim, perante esta inibição dos compiladores do DRAG (e do GDXL), que nom habilitárom —polo menos, de forma clara— qualquer denominação galega para o conceito em causa, cada jornalista decidiu preencher por si mesmo a correspondente lacuna designativa, e todos eles vinhêrom a coincidir na aplicação de umha mesma estratégia, se bem que com resultados notavelmente díspares: utilizárom algum dos vários equivalentes galegos, mais ou menos autorizados polos diferentes dicionários consultados, da voz castelhana *brote*, interpretada no sentido de ‘rebento de umha planta’. E se esta foi a causa próxima da dispersão designativa descrita, as suas conseqüências fôrom, em primeiro lugar, umha evidente ineficácia comunicativa (aqui, ainda por cima, posta de relevo polo confronto com a unanimidade designativa castelhana) e, em segundo lugar, umha mal dissimulada dependência do castelhano na motivação dos termos instaurados.

<sup>29</sup> De resto, outros vocábulos que poderiam ter sido propostos para aludir ao fenómeno em causa, ou nom aparecem em absoluto no DRAG (é o caso, p. ex., de *surto*, *surgência*, *surgimento*, *surdimento* ou *xurdimento*, *emergência*), ou nom aparecem providos da pertinente acepção (é o caso de *irromper*, *irrupción* [s.v. *irrupción*], *surgir* [s.v. *xurdir*], *emergir* [s.v. *emerxer*], etc.).

<sup>30</sup> No entanto, entre os sinónimos de *gromo* que o GDXL propom, encontra-se, s.v. *gromo*, a voz *brote*!



*Exemplo 2-8: doença, enfermidade; adoecer, enfermar*

Todo o utente culto de castelhano sabe que para denotar o conceito de ‘alteraçom patológica do organismo’ estão disponíveis na língua geral duas palavras de uso comum, *enfermedad* e *dolencia*, e que, das duas, *enfermedad* é a mais freqüente, a “nom marcada”, e *dolencia* a de uso mais infreqüente, a qual ele apenas empregará, na expressom formal, como variante estilística de *enfermedad*, para nom repetir excessivamente esta última voz. Esse mesmo utente de castelhano também sabe que, assim como *enfermedad* e *dolencia* som hoje, em geral, vozes sinónimas, *enfermo* e *doliente* já nom som na actualidade tam facilmente permutáveis, e que umha cousa é *enfermar* (‘cair doente’) e outra diferente *adoecer*, pois este verbo, que, como todos os componentes da série *dolencia - doliente - adoecer*, tem hoje um ressaibo culto e arcaico, é principalmente empregado no castelhano actual para exprimir, na linguagem elevada, a ideia de ‘sofrer de defeito’ (ex.: «el libro adolece de prolijidad»)<sup>31</sup>.

PRIMEIRA MANIFESTAÇOM DE DEGRADAÇOM LEXICAL: Hoje, na língua espontânea galega, e em referênci a ao valor semântico de ‘alteraçom patológica do organismo’, a voz *doença* encontra-se em grande medida suplantada polo castelhanismo (corrompido) \**enfermedá*, e *adoecer* e *doente* polas vozes comuns ao castelhano *enfermar* e *enfermo*, respectivamente. As formas *adoecer* e *doente*, no entanto, em virtude de um fenómeno que é algo freqüente (substituiçom semântica parcial ou restritiva), nom desapareçom por completo do actual galego espontâneo, mas, antes, aconteceu que elas, em concorrência com as vozes coincidentes com o castelhano, vírom restringida a sua esfera semântica, passando a “especializar-se” na designaçom dos conceitos (próximos uns dos outros e, tipicamente, próprios de umha realidade rural e/ou informal) ‘contrair a raiva’, ‘padecer umha dor pungente’ e ‘desesperar-se, impacientar-se’. Portanto, estas três substituiçoms (de significante ou de significado) acarretam, na fala espontânea, descaracterizaçom do léxico galego (por assimilaçom ao castelhano) e disfuncionalidade expressiva (por desconhecimento, na esfera semântica de ‘afecçom patológica’, das vozes *doença*, *adoecer* e *doente*).

SEGUNDA MANIFESTAÇOM DE DEGRADAÇOM LEXICAL: Ainda que o DRAG restaure os significantes *doença* e *doente* (tb. *enfermidade*) com os seus significados tradicionais e genuínos relacionados com a ‘alteraçom patológica do organismo’, de modo incoerente, ele nom restaura a *adoecer* o seu valor semântico geral de ‘cair doente’ (pois apenas lhe regista, na esfera semântica dos fenómenos patológicos, a acepçom restrita de ‘contrair a raiva’), de modo que, assim, o DRAG está a consagrar *enfermar* como única voz comum

<sup>31</sup> Em lusitano e brasileiro, modalidades lingüísticas estreitamente aparentadas com o castelhano e que, como este, se acham socialmente estabilizadas, os correspondentes usos lexicais som os contrários: *doença*, *adoecer* e *doente* som empregados com mais freqüência que os seus sinónimos *enfermidade*, *enfermar* e *enfermo*, os quais apenas se empregam como variantes estilísticas dos primeiros. Além disso, do mesmo modo que em castelhano, em luso-brasileiro, para se exprimir na língua formal a ideia de ‘padecer defeito’, emprega-se, dos dous sinónimos, o mais “rebuscado”, quer dizer, e ao contrário que em cast., *enfermar de* (ex.: «o livro enferma de prolixidade»).



designativa de ‘cair doente’, forma esta que coincide com o castelhano. Por conseguinte, neste caso o DRAG renuncia, de modo incoerente, a corrigir por completo a descaracterização do léxico presente no galego espontâneo.

TERCEIRA MANIFESTAÇÃO DE DEGRADAÇÃO LEXICAL: Se bem que o DRAG inclua, com o significado de ‘fenómeno patológico’, as vozes galego-portuguesas restauradas *doença* e *enfermidade*, ele já nom esclarece, *de modo patente* (na configuração dos próprios verbetes *doenza* e *enfermidade*), qual das duas deve ser priorizada no uso e qual secundarizada como variante estilística (lembramos que, a este respeito, luso-brasileiro e castelhano mostram comportamentos contrários). Ora, se no DRAG nom se torna explícita umha priorização de uso, por via *indirecta, implícita*, nom fica qualquer dúvida sobre qual dos dous sinónimos este dicionário normativo prefere: aquele que também prefere o castelhano e a fala espontânea, i. é, *enfermidade*! Com efeito, nos verbetes consagrados às denominações de afecções, e como *genus proximum* ou parte dos exemplos, o consulente do DRAG quase nom encontrará outro vocábulo que *enfermidade* (assim, p. ex., s.v. *cólera, diabete, hemofilia, orellóns* [= papeira], *paludismo, psicose, raquitismo, rubéola, sida, sífilis, varíola* e *xarampón* [= sarampo]<sup>32</sup>), o mesmo acontecendo com a maioria das entradas consagradas a conceitos médicos (como, p. ex., s.v. *adoecer, dermatoloxía, estomatoloxía, medicina, otorrinolaringoloxía, patoloxía, podólogo, terapéutico, terapia, urólogo, vacina, virulencia, xinecoloxía*<sup>33</sup>). Por um lado, pois, regista-se aqui inibição dos codificadores em relação à priorização de sinónimos estilísticos (*doença/enfermidade*), o que nom pode deixar de redundar em ineficácia expressiva para o galego<sup>34</sup>, e, por outro, a preferência lexical mostrada implicitamente polo DRAG (por *enfermidade* face a *doença*) acarreta afastamento do luso-brasileiro, assimilação ao castelhano (castelhanismo de frequência), e, portanto, descaracterização do léxico galego<sup>35</sup>.

<sup>32</sup> Na nossa amostra, as únicas excepções som os verbetes *escorbuto, gripe* e *rabia* [= raiva], onde, como *genus proximum*, figura *doenza*.

<sup>33</sup> Na nossa amostra, a única excepção detectada é *odontoloxía*, onde figura *doenza*.

<sup>34</sup> Assim, o utente culto de galego orientado pola normativa RAG-ILG, ao contrário do que acontece com o de luso-br. ou cast., nom sabe, dentre os sinónimos *doença* e *enfermidade*, qual é o mais frequente e, portanto, ao redigir um texto, ou ao traduzi-lo, nom saberá qual das duas formas utilizar normalmente, e qual utilizar como variante estilística para evitar repetir em excesso a outra. Umha actualização desta distribuição de frequências em luso-br. vê-se no seguinte excerto, tirado da *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura Verbo*, s.v. *tinta, doença da*: «[A *doença da tinta*] É uma das *doenças* mais importantes e graves do castanheiro. Encontra-se difundida pelo País e é responsável, desde longa data, pela morte de algumas centenas de milhares de árvores dos nossos soutos. Dois fungos ficomicetes (Peronosporales) —*Phytophthora cambivora* (Petri) Buis. e *Ph. cinnamomi* Rands, dos quais o segundo é o mais comum em Portugal— são os causadores desta *enfermidade*, cuja designação vulgar deriva do facto de as partes atacadas (raízes e colo) apresentarem uma coloração de tinta, resultante da oxidação de substâncias fenólicas.»

<sup>35</sup> Tampouco o GDXL declara explicitamente, dentre *doença* e *enfermidade*, qual é o sinónimo prioritário, mas, igualmente, de modo implícito, ele prefere *enfermidade* (assim, p. ex., s.v. *enfermidade* incluem-se termos compostos descontinuos [*enfermidade profesional* e *enfermidades carenciais*], os quais están por completo ausentes do verbo *doenza*). Por seu lado, o *Dicionário Galego de Termos Médicos* também prioriza implicitamente *enfermidade* sobre *doença*, ao incluir s.v. *enfermidade*, mas nom s.v. *doenza*, umha longa lista de nomes de afecções.

QUARTA MANIFESTAÇÃO DE DEGRADAÇÃO LEXICAL: O DRAG nom esclarece qual seja o equivalente funcional e estilístico em galego da expressom (formal) castelhana *adolecer de* — ou da luso-brasileira *enfermar de!*—, no sentido de ‘sofrer do defeito de’, pois que tal valor semântico nom aparece reflectido nessa obra nem s.v. *adoecer*, nem s.v. *enfermar*. Portanto, regista-se aqui umha inibição dos codificadores da normativa RAG-ILG que, sem dúvida, redunde em ineficácia comunicativa para o galego (nos âmbitos formalizados)<sup>36</sup>.

*Exemplo 2-9: percurso, percorrido*

Dado que o galego subsistiu desde o início dos Séculos Obscuros como modalidade lingüística exclusivamente coloquial, desde entom ele perdeu ou nom chegou a gerar unidades lexicais a designarem, entre outros, conceitos de carácter culto e abstracto, de modo que a actual língua espontânea, para os referir, apresenta castelhanismos suplentes. Um desses conceitos cultos e abstractos é o ‘acto ou efeito de percorrer’, que na actual língua espontânea se denota com o castelhanismo *\*recorrido*. Observe-se que o galego espontâneo mesmo tem castelhanizado o verbo *percorrer*, o qual, por ser de cariz culto, nele aparece como *\*recorrer*. Com mui bom critério, todos os dicionários actuais de galego expurgam, com esse sentido, *\*recorrer* e restauram a voz comum galego-portuguesa *percorrer*. Ora, o mesmo nom acontece com a designação do ‘acto ou efeito de percorrer’ (luso-br. *percurso*), pois tanto o DRAG COMO O VOLGA (e tb. o GDXL) para tal proponhem *percorrido*, forma que, na sua condição de substantivo, nom deixa de constituir outro castelhanismo (camuflado).

Com efeito, em castelhano é necessária neste caso a habilitação do participio de passado como substantivo para indicar o acto ou efeito de percorrer (cast. *recorrer* > *el recorrido*), já que o derivado regressivo de base latina *recurso*, que seria a forma esperável, nesta língua está pré-ocupado polo verbo *recurrir* (= gal-port. *recorrer*; cast. *recurrir* > *el recurso*). Em galego, onde os verbos *percorrer* e *recorrer* claramente nom convergem na formação regular (de base latina) dos correspondentes substantivos deverbais, o emprego de *\*o percorrido* em vez de *o percurso* (derivado do lat. *percursum*; cf. fr. *parcours*) constitui, portanto, um flagrante castelhanismo e introduz umha aberração num paradigma totalmente regular: *concorrer* > *concurso*, *decorrer* > *decurso*, *discorrer* > *discurso*, *recorrer* > *recurso*, *transcorrer* > *transcurso*. Além disso, tenha-se em conta que, como advertem Garrido e Riera (2000: 139, 140), ao contrário que em castelhano, em galego-português (e nas restantes línguas românicas, afora o cast.) nom é possível a habilitação do participio de passado como substantivo para indicar acção ou processo<sup>37</sup>, de modo que a introdução em galego de *\*o percorrido*, além de suplantar a

<sup>36</sup> Por seu turno, o GDXL sim reflecte, conquanto que de modo indirecto, o valor semântico em questom, mas oferecendo umha solução parafrástica que nom contribui a enriquecer o léxico galego: s.v. *\*adolecer* (forma marcada como castelhanismo censurável) esta obra remete para «2. Estar afectado de algo.».

<sup>37</sup> Assim, p. ex., *acabar* > cast. *el acabado* / gal-port. *o acabamentoo*; *lavar* > cast. *el lavado* / gal-port. *a lavagem*.

forma galego-portuguesa genuína (*o percurso*), torna actuante nesta língua um mecanismo de substantivação estranho e exclusivo do castelhano.

MANIFESTAÇÃO DE DEGRADAÇÃO LEXICAL: Neste caso, a intervenção despropositada dos agentes codificadores da normativa RAG-ILG contribui a descaracterizar duplamente o léxico galego, assimilando-o ao castelhano: em primeiro lugar, ao desconsiderar umha forma galega genuína (*percurso*), presente em luso-br. e harmónica com a voz galego-portuguesa restaurada *pecorrer*, em benefício de umha voz formalmente decalcada do cast. que desorbita injustificadamente um paradigma derivativo regular (*\*o percorrido*); em segundo lugar, ao violentar o padrom morfológico galego-português de formação de substantivos deverbais indicativos de acção ou processo, com a introdução de um mecanismo de conversão ou habilitação semántica alheio por completo ao sistema.

*Exemplo 2-10: marmelo, marmelada, compota ou geleia*

A árvore rosácea que os botânicos conhecem como *Cydonia oblonga* recebe em galego-português a denominação vernácula de *marmeleiro*, e o seu fruto, a de *marmelo*. Nas variedades socialmente normalizadas do galego-português, o doce pastoso que se fai a partir da polpa do marmelo é chamado, naturalmente, *marmelada*, seguindo um padrom morfológico já presente na designação de outros alimentos derivados de frutos (assim, p. ex., de *laranja*, *laranjada*; de *limom*, *limonada*). Por outro lado, os doces pastosos elaborados mediante a cocção e edulcoração de diversas frutas (como pêssego, laranja, morango, ameixa, etc.), e que tipicamente som barrados sobre o pam no almoço, denominam-se em luso-brasileiro *compotas* ou *geleias*.

Curiosamente, a palavra galego-portuguesa *marmelada* foi incorporada no séc. XVI como empréstimo por várias línguas europeias, sofrendo nesta transferência um desvio maior ou menor da sua substância fónica e gráfica (cast. *mermelada*, fr. *marmelade*, al. *Marmelade*, ingl. *marmalade*) e umha alteração do seu significado original. Assim, tanto *mermelada*, em castelhano, como *marmelade*, em francês, ou *Marmelade* em alemão, designam o doce pastoso feito a partir de qualquer fruta (diferente do marmelo), enquanto que *marmalade* denomina, em inglês, o doce elaborado a partir de citrinos, sobretudo de laranjas (*jam* é a palavra utilizada em inglês para denominar as compotas feitas a partir de outras frutas). Nestas quatro línguas, portanto, os empréstimos derivados da *marmelada* galego-portuguesa nom se utilizam para designar especificamente a própria ‘marmelada’ —a qual é denotada em castelhano por (*dulce de*) *membrillo* (‘doce de marmelo’), em francês por *pâte de coings* (lit. ‘compota de marmelos’), em alemão por *Quittenmarmelade* (lit. ‘compota de marmelo’) e em inglês por *quince jam* (lit. ‘compota de marmelo’)—, e sim compotas ou geleias elaboradas a partir de frutas diversas<sup>38</sup>.

<sup>38</sup> Naturalmente, que isto poda acontecer nas línguas receptoras do empréstimo *marmelada* é devido a que nestas, ao contrário do que acontece em galego-português, nom se produz a associação específica da palavra com o conceito de ‘marmelo’.

PRIMEIRA MANIFESTAÇÃO DE DEGRADAÇÃO LEXICAL: Na actual fala espontânea galega, e em referência ao fruto do marmeleiro, podem apreciar-se diversos graus de substituição da voz tradicional *marmelo*, a qual, dependendo do tipo de falante (de maior ou menor idade, com residência rural ou urbana), pode aparecer com alguma frequência suplantada pelo castelhanismo *\*membrillo*. Mais generalizada (senom total) é a presença na actual fala espontânea do castelhanismo *\*membrillo* em referência à ‘marmelada’ (quer dizer, ao doce ou compota de marmelo), circunstância que pode explicar-se por a marmelada constituir, cada vez mais, um produto de consumo comercializado e industrializado, que chega acompanhado do correspondente nome castelhano. Portanto, estamos aqui em presença de duas manifestações do fenómeno da substituição lexical de palavras genuínas galego-portuguesas (*marmelo* e *marmelada*) por parte de palavras castelhanas, o que acarreta descaracterização do léxico galego.

SEGUNDA MANIFESTAÇÃO DE DEGRADAÇÃO LEXICAL: Embora o DRAG proceda a expurgar, para todos os seus usos espontâneos, o castelhanismo substitutivo *\*membrillo*, e a restaurar em seu lugar *marmelo*, a esta última voz, surpreendentemente, aquele repositório normativo atribui o significado de ‘marmelada’, quer dizer, o de ‘doce de marmelo’ (*marmelo*: «[...] 2. Especie de marmelada solidificada que se fai co froito do marmeleiro. *Queixo con marmelo*.»), com o que ele está a admitir para o modelo culto de galego um flagrante castelhanismo semântico. Esta gratuita castelhanização semântica chega no DRAG ao aberrante ao considerarmos o significado que ele declara da voz *marmelada*: «Froita cocida con azucre ou mel ata formar unha especie de xelatina.». Com efeito, os compiladores do DRAG estão a propor aqui que a voz galego-portuguesa *marmelada* seja restaurada no actual galego, nom com o valor semântico que ela tinha em galego quando este gozava de plena vitalidade, e que conserva o actual luso-brasileiro, mas com o significado, incoerente em galego, que ela hoje tem em castelhano, depois de este a ter tomado emprestada do próprio galego e de a ter desfigurado semanticamente! Castelhanização semântica que atinge o paroxismo no exemplo de uso que da voz *marmelada* oferece o DRAG: «*Marmelada de pexego*», o que deixa claro que, ao redigirem este verbete —como muitos outros—, os compiladores do dicionário da RAG estavam a pensar em castelhano, e nom em galego, pois, como, se assim nom fosse, poderiam eles prescrever um uso léxico-semântico que equivale em castelhano a «(dulce de) *membrillo* de melocotón», a «*naranjada* de melocotón» ou a «*limonada* de melocotón»?<sup>39</sup> Verificamos, portanto, que, neste caso, os codificadores da normativa RAG-ILG procedem de um modo que contribui para descaracterizar o léxico galego por assimilação ao castelhano, mesmo quando esta castelhanização actua em detrimento da mais elementar

<sup>39</sup> Umha vez “armada” no DRAG a voz *marmelada* com o incoerente e castelhanizante significado de ‘compota’, só restava “desarmar” para o uso mais moderno, “urbano” e generalizado a voz *compota*, a qual no DRAG é provida do valor restrito e castelhanizante de «Doce feito de froitas cocidas con auga e azucre. *Compota de mazás*.».

coerência interna da língua e quando transtroca o sentido do seu desenvolvimento histórico<sup>40</sup>.

### 3. CONCLUSOM: CONCRETIZAÇÃO DA ESTRATÉGIA NATURAL, ECONÓMICA E FUNCIONAL PARA HABILITAR EM GALEGO O LÉXICO DAS LÍNGUAS ESPECIALIZADAS CIENTÍFICO-TÉCNICAS

A partir da análise das manifestações de disfuncionalidade e descaracterização lexicais ilustradas na alínea anterior, as quais assinalam a incidência sobre o actual léxico galego dos processos degradativos da *erosom*, *substituição*, *variação sem padronização*, *estagnação* e *suplência*, apura-se, como mostram Garrido (1999) e Garrido e Riera (2000: 20-34), que a estratégia (mais) natural, económica e eficaz para habilitar em galego o léxico das diferentes línguas especializadas (técnico-científicas) consiste na *convergência ou coordenação constante com o léxico luso-brasileiro*, de harmonia com os seguintes princípios ou medidas:

- 1.º- Medida contra o processo degradativo da EROSOM: Restaurar ou repor as unidades lexicais (próprias dos registos cultos), na sua forma genuína (comum ao luso-brasileiro actual!), esquecidas ou erodidas na Galiza a partir da postergação sociocultural do galego-português que impugérom os Séculos Obscuros. Exemplos: *assaz*, *cujo*, *todavia* (conjunção concessiva).
- 2.º- Medida contra o processo degradativo da SUBSTITUIÇÃO: Restaurar plenamente os significantes e significados genuinamente galegos (comuns ao actual luso-brasileiro!) suplantados na actual fala espontânea por significantes ou significados castelhanos. Exemplos: *óleo* (com o significado amplo de ‘substância gordurenta’, reservando *azeite* para ‘óleo extraído da azeitona’), *queda* (em vez de \**caída*), *sino* (em vez de \**campá* ou \**campana*).
- 3.º- Medida contra o processo degradativo da VARIAÇÃO SEM PADRONIZAÇÃO: Seleccionar como supradialectal, dentre umha série de variantes (geossinónimos) existentes no galego espontâneo, aquela voz que se emprega como supradialectal no âmbito luso-brasileiro, ou a mais próxima da voz supradialectal luso-brasileira. Assim, por exemplo, *amêijoa* (ZOOLOG.), *eixo* (TECNOLOG.), *enxofre* (QUÍMICA), *fieito* (BOTÂNICA), *guelra* (ANATOMIA), *janela oval* (ANATOMIA),

<sup>40</sup> Por seu turno, o GDXL, pola forma com que se inicia a definição que oferece de *marmelada* («Doce de marmelo ou doutros froitos cocido e misturado con azucre.»), parece insinuar umha restituição do valor semântico genuíno e coerente do vocábulo, mas as seguintes palavras da definição desmentem tal suposição, e já *marmelo* é definido de forma inequivocamente castelhanizante: «[...] 2. Doce que se fai con este froito [com o marmelo].».

*rim* (ANAT.) e *sabugueiro* (BOT.) devem ser preferidos, para os usos formais, a, respectivamente, *ameija*, *eixe*, *xofre*, *fento* (e *felgo*, etc.), *guerla* (e *galada*, etc.), *fiestra oval* (e *\*ventá oval!*), *ril* e *bieiteiro* (e *birouteiro*, etc.).

- 4.º- Medida contra os processos degradativos da ESTAGNAÇÃO e da SUPLÊNCIA: Nos âmbitos conceptuais da *estagnação lexical* (conceitos abstractos e do mundo institucional e da cultura; conceitos relativos a objectos concretos cujo aparecimento se produziu durante o dilatado período que abrange desde o início dos Séculos Obscuros até à actualidade; conceitos relativos a realidades exóticas; conceitos do mundo urbano; conceitos especializados, veiculados pelas diferentes línguas especializadas: administrativa, jurídica, eclesiástica, profissional, técnico-científica), adoptar a pertinente solução luso-brasileira, expurgando, no seu caso, o correspondente castelhanismo suplente. Por exemplo: *compota* (ALIM., ‘doce pastoso para barrar feito de diversas frutas’), *lâmpada – candeeiro – lustre* (TECNOL., v. *supra* ex. 2.5), *neurónio* (FISIOL., ‘célula nervosa’), *oxigénio* (QUÍM., ‘elemento gasoso de número atómico 8’), *percurso* (TECNOL., ‘acto de percorrer’), *surto* (MED., ‘irrupção brusca de doença’), *tubarom* (ZOOLOG., ‘peixe cartilágneo pleurotremado’), *vela (de ignição)* (MEC., ‘peça dos motores de explosão onde se produz a faísca’).
- 5.º- Complementarmente à medida n.º 4: Nos âmbitos conceptuais da *estagnação (e suplência) lexical*, no caso de nom coincidir o termo usado em Portugal com o do Brasil, adoptar, atendendo a um critério de proximidade cultural e geográfica, e até nom se atingir uma efectiva unificação terminológica, a solução conhecida em Portugal. Por exemplo: *antigénio* [Pt] e nom *antígeno* [Br] (MED.), *frigorífico* [Pt] e nom *geladeira* [Br] (TECNOL.), *pirite* [Pt] e nom *pirita* [Br] (MINERAL.), *veio de excêntricos* [Pt] e nom *árvore de cames* [Br] (MEC.).
- 6.º- Complementarmente à medida n.º 4: Nos âmbitos conceptuais da *estagnação (e suplência) lexical*, no (raro) caso de existir na Galiza uma forma lexical *genuína* diferente e sinónima da habitual em luso-brasileiro, aceitar o uso da solução luso-brasileira supradialectal desconhecida no galego espontâneo, junto com a forma galega habitual. Exemplo: *leque caudal* junto com *abano caudal* (ZOOLOG.).

## REFERENCIAS

- AA.VV. 1989 (1.<sup>a</sup> ed.: 1983). *Estudo Crítico das “Normas Ortográficas e Morfolóxicas do Idioma Galego” (ILG-RAG, 1982)*. Comissom Lingüística da Associação Galega da Língua. Santiago de Compostela.
- ALONSO ESTRAVIZ, Isaac. 1995. *Dicionário da Língua Galega*. Sotelo Blanco Edicións. Santiago de Compostela.
- FLUCK, Hans-Rüdiger. 1996 (1976). *Fachsprachen. Einführung und Bibliographie*. A. Francke Verlag. Tubinga/Basileia.
- FORNEIRO, José Luís. 2004. *Allá Em Riba un Rey Tinha una Filha. Galego e Castelhana no Romanceliro da Galiza*. Difusora de Letras, Artes e Ideas. Ourense.
- GARCÍA, Constantino. 1985. *Glosario de Voces Galegas de Hoxe*. Verba, Anexo 27. Universidade de Santiago de Compostela. Santiago de Compostela.
- GARCÍA, Constantino. 1996. *Glosas da Lingua*. Edicións Xerais de Galicia. Vigo.
- GARRIDO, Carlos. 1999. Estado actual e perspectivas da norma lexical. *Agália*, 57: 3-25.
- GARRIDO, Carlos. 2005. Delineamento e aplicação de um modelo de avaliação da qualidade da língua especializada técnico-científica cultivada no galego-português da Galiza (a propósito da *Enciclopedia Galega Universal*). *Agália*, 83/84: 51-118.
- GARRIDO, Carlos e Carles RIERA. 2000. *Manual de Galego Científico. Orientaçõs Lingüísticas*. Associação Galega da Língua. Santiago de Compostela.
- GERBERT, Manfred. 1970. *Besonderheiten der Syntax in der technischen Fachsprache des Englischen*. Linguistische Studien. Max Niemeyer Verlag. Halle an der Saale.
- POUSA ORTEGA, Helena. 2002. Léxico fronteirizo no Baixo Miño: a pesca con barco. Em R. Álvarez, F. Dubert García e X. Sousa Fernández (org.). *Dialectoloxía e Léxico*: 245-278. Instituto da Língua Galega/Consello da Cultura Galega. Santiago de Compostela.
- REYES OLIVEROS, F. e Constantino GARCÍA GONZÁLEZ (dir.). 2002. *Diccionario Galego de Termos Médicos*. Real Academia de Medicina e Cirurxía de Galicia. Santiago de Compostela.
- RÍOS PANISSE, María Carmen. 1977. Nomenclatura de la flora y fauna marítimas de Galicia. I. Invertebrados y peces. *Verba*, anexo 7.
- RIVAS QUINTAS, Elixio. 1988. *Frapmas II. Contribución al diccionario gallego*. Alvarellos Editora Técnica. Lugo.
- SCHMIDT, Wilhelm. 1969. Charakter und gesellschaftliche Bedeutung der Fachsprachen. *Sprachpflege*, 18: 10-20.